

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E NATURAIS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

Aluna: Cristina Oliveira dos Santos

Professora: Eliana Creado

Disciplina: Teoria Antropológica

Barbies humanas: entre os limites do humano e não-humano

Resumo

O artigo propõe uma reflexão sobre a nova geração de mulheres bonecas, especialmente as barbies humanas, que se espelham na criação de uma identidade corporal baseada na boneca infantil Barbie, criada pela companhia norte-americana Mattel. O culto ao corpo apresenta novos padrões e dicotomias ao abordar os limites do humano e não-humano em que vivem essas mulheres, cuja associação com à boneca Barbie pode ter sido proporcionada pelos tempos digitais. Para melhor expor esse novo reflexo da realidade contemporânea, serão abordados, entre outros autores, os conceitos dos teóricos Foucault, Latour e Haraway. O estudo etnográfico foi baseado numa análise de material disponível sobre o tema na internet.

Palavras-chave: barbie humana; humano e não-humano; culto ao corpo

Introdução

Filho do deus do rio Céfiso e da ninfa Liríope, Narciso era um rapaz de uma beleza inigualável. Por ocasião de seu nascimento, seus pais consultaram o oráculo Tirésias para saber qual seria o destino do menino. A resposta foi que ele teria uma longa vida, se nunca visse a própria face.

Quando chegou na fase adulta, muitas moças e ninfas apaixonaram-se por ele. Porém, o belo jovem não se interessava por nenhuma delas. A ninfa Eco, uma das mais apaixonadas, não se conformou com a indiferença de Narciso e afastou-se amargurada para um lugar deserto, onde definiu até que somente restaram dela os gemidos. As outras moças desprezadas pediram aos deuses para vingá-las.

A deusa Nêmesis apiedou-se delas e induziu Narciso, depois de uma caçada num dia muito quente, a debruçar-se numa fonte para beber água. Descuidando-se de tudo o mais, ele permaneceu imóvel na contemplação ininterrupta de sua face refletida e assim morreu. No próprio Hades, reino dos mortos e do mundo inferior, Narciso tentava ver nas águas do rio Estige as feições pelas quais se apaixonara.

Surgido na Grécia Antiga, o mito de Narciso é até hoje objeto de estudo da psicologia e das Ciências Sociais por exaltar um egocentrismo em relação às nossas necessidades, propiciadas pelas sociedades de consumo do sistema capitalista de produção. Esse outro que nos completa, conhecido como alter ego, é buscado fora de si, mas sempre como um retorno a si mesmo. Diante disso, essa constante busca pelo prazer e pela satisfação pessoal promove um individualismo exacerbado no mundo contemporâneo, sendo apelidado de sociedade narcisista (MOURA, 2009)¹.

O conceito de narcisismo², definido por Freud em 1914, afirma que o indivíduo surge deslocado em direção a esse ego ideal, que, como o ego infantil, se acha possuidor de toda perfeição e valor. O “eu” (ego) aspira reencontrar a perfeição e o amor narcísico, mas para isso precisa satisfazer as exigências do ideal do eu (ego). A partir daí, só é possível experimentar-se através do outro. Pelo fato do indivíduo não estar disposto a renunciar à perfeição narcísica de sua infância, o que ele projeta diante de si como sendo seu ideal é o substituto do narcisismo perdido da infância na qual ele era seu próprio ideal. “Um narcisismo que promove a constituição de uma imagem de si unificada, perfeita, cumprida e inteira” (HOUSER, 2006, p. 33).

Trazendo o mito para os dias atuais, esse exacerbado individualismo e autocentramento do sujeito em si mesmo, o narcisismo, encontrou novas formas de se incorporar ao cotidiano das pessoas, principalmente das mulheres, fazendo surgir uma nova tendência na internet que está na constante busca da perfeição corporal, as chamadas “barbies humanas”. Muito além da vaidade feminina, jovens mulheres abusam da produção de maquiagem, dietas, uso de espartilhos, apliques loiros e longos, lentes especiais que dão certo brilho ao olhar e até cirurgias plásticas para retirada de costelas e mudanças na face para se parecem com a boneca Barbie, produzida há cinco décadas pela companhia norte-americana de brinquedos, a Mattel.

1 Artigo “Introdução ao Conceito de Narcisismo” disponível em <http://bit.ly/1uktcUa>

2 Embora pertença à psicanálise, o termo freudiano pode, e muito, contribuir ao novo viés teórico de observação antropológica, principalmente na área da Filosofia da Etnologia. Ver em <http://bit.ly/Urisms>

Para Michel Foucault (1976/2005), essa constante transformação dos corpos é uma característica da modernidade, um tempo histórico em que predomina a prática do biopoder. Segundo o filósofo francês, o biopoder é o que caracteriza a moderna economia e diz respeito à formação de uma diversificada tecnologia de poder que incide sobre a vida e toma os corpos como objetos, produzindo tanto os corpos dos indivíduos – pela aplicação de uma “anatomopolítica”³ – quanto os corpos coletivos das populações – por intervenções através de biopolíticas reguladoras.

Em sua obra “Vigiar e Punir” (2005), Foucault traça uma genealogia dos indivíduos modernos que centra o foco exatamente na produção dos seus corpos pela norma e para o capital por meio de práticas disciplinares, sendo entendidas como pequenas maquinarias de poder, “minúcias do poder”, que operam sobre os corpos, tornando-os úteis e produzindo, ao mesmo tempo, as subjetividades dos sujeitos. Nessa obra, o autor aborda a temática das relações do poder disciplinar, que expressam a forma como o poder era exercido na sociedade Moderna (século XVI e XVII), analisando em que medida ele é visto como uma microfísica, cujas relações funcionam como exercício de poder e produção de saber. Nesse caso, a punição e a vigilância passam a ser mecanismos de poder utilizados para docilizar e adestrar as pessoas para que essas se adéquem às normas estabelecidas na sociedade. A vigilância torna-se uma tecnologia de poder que passa a incidir sobre os corpos, neste caso, das barbies humanas, controlando seus gestos, suas atividades, sua aprendizagem, sua vida cotidiana.

[...] O poder disciplinar é [...] um poder que, em vez de se apropriar e de retirar, tem como função maior “adestrar”: ou sem dúvida adestrar para retirar e se apropriar ainda mais e melhor. Ele não amarra as forças para reduzi-las; procura ligá-las para multiplicá-las e utilizá-las num todo. [...] “Adestra” as multidões confusas [...] (FOUCAULT, 2005, p.143).

A genealogia proposta por Foucault como método de análise histórica, ocupa-se dos corpos concretos, que não são exatamente naturais, mas que traçam a história da sua sujeição e produção nos jogos de saber/poder, sendo exatamente aquilo que lhes dá forma, força e visibilidade, tornando-o concreto. Para o filósofo (2005), cada sociedade tem sua própria

3 PODE parecer estranho o emprego do termo “anatomia” ligado à palavra “política”, uma vez que no discurso médico ele tem um sentido biológico-estrutural naturalizado, nem um pouco político. Porém, o emparelhamento das palavras no termo “anátomo-político” busca justamente mostrar o caráter político fundamental da produção dos corpos. Esta é uma questão muito atual ligada ao problema relativo a como manter os corpos presos aos poderes, fenômeno que se sustenta neste jogo de potência x utilidade x docilidade.

“cultura de si”, composta por modos específicos de relação do sujeito consigo mesmo, que podemos chamar de “experiência histórica” de um sujeito concreto na genealogia da ética. “Temos antes que admitir que o poder produz saber [...]; que não há relação de poder sem constituição correlata de um campo de saber”[...] meio de mecanismos de vigilância e controle (FOUCAULT, 2005, p.27).

Um exemplo utilizado pelo autor para demonstrar esta relação essencial existente entre saber e poder é o da medicina, vez que consiste em um saber-poder que incide ao mesmo tempo sobre o corpo individual e sobre a população, combinando mecanismos disciplinares e reguladores. Por meio dessa tecnologia aplicada na medicina e no saber-poder, a transformação no corpo dessas jovens mulheres passa a ocupar um lugar central em suas vidas, sendo punidos, vigiados e regulamentados em todas as práticas que envolvem a modulação corporal para buscar esse novo ideal de beleza baseado no corpo de uma boneca.

Essa rede de investimentos voltada para a “recuperação do corpo” envolve, além da medicina, publicidade e diferentes técnicas corporais, como a ginástica e, em casos mais extremos, cirurgias e até transtornos alimentares por meio da repulsão e eliminação da comida, levando o organismo à exaustão para conquistar ideais inatingíveis. O poder disciplinar, fruto da sociedade burguesa que desloca o poder soberano para o corpo social, passa a ter como principal objetivo o adestramento e a docilização dos corpos, que podem ser transformados e aperfeiçoados com a ajuda das tecnologias (FOUCAULT, 2005). O corpo das barbies humanas passa a se articular fortemente com o consumo, se tornando o corpo-mercadoria. “Mais precisamente, eu diria isto: a disciplina tenta reger a multiplicidade dos homens na medida em que essa multiplicidade pode e deve redundar em corpos individuais que devem ser vigiados, treinados, utilizados, eventualmente punidos” (FOUCAULT, 1976, p. 289).

Diante desse conceito de Foucault, onde o corpo só passa a ter utilidade se for produtivo e submisso, as barbies humanas trazem para seu cotidiano as formas disciplinares do biopoder. Essa sujeição é obtida através de um saber e de um controle que constituem o que o teórico chamou de uma tecnologia política do corpo, uma microfísica do poder. Para ele, partindo da premissa de que a sociedade é condicionada (e moldada) por diferentes lógicas políticas e de pensamento em cada momento histórico, o biopoder pode ser considerado uma chave teórica para uma adequada compreensão dos discursos e práticas hegemônicas da sociedade contemporânea praticadas pelas bonecas humanas. A “ditadura da estética” que outrora se

preocupava com uma obrigação de bonito e saudável parece que passou a deixar a saúde em segundo plano. No período de construção do corpo de uma barbie humana, a beleza plástica é o ponto de chegada, baseando-se em taxas, índices, médias, normas e projetos para que se chegue a identificação ideal com a boneca da Mattel.

Humano x Não-humano

Mas de onde surgiu esse desejo feminino de se parecer com um objeto? Dados históricos remontam para o ano de 1959 no qual um novo modelo de feminilidade começou a ser apresentado às garotas a partir da criação da boneca Barbie nos Estados Unidos, idealizado por Ruth Handler após ela observar sua filha Barbara brincando com bonecas de papel. O pensamento que veio a sua cabeça, uma verdadeira visão para a época, era basicamente o seguinte: porque não criar uma boneca já adolescente com a qual as meninas pudessem brincar e sonhar com seu futuro perfeito? Depois dessa ideia, ela e seu marido Elliot, criadores da companhia Mattel, partiram para a produção. O design inicial da boneca foi encomendado a Jack Ryan, em 1958, e lançado oficialmente na Feira Anual de Brinquedos de Nova York, em 9 de março de 1959 (ROVERI, 2008).

Com a descoberta da criança como consumidora em potencial, os publicitários passaram a falar diretamente com elas. A letra da música veiculada na primeira propaganda, no final dos anos de 1950 elucida bastante esse período publicitário:

Barbie você é linda/ Barbie você me faz sentir/ Minha boneca Barbie realmente é real./ Barbie sorrindo tão pequena/ Sua roupa de dança toca um sino/ Na festa, ela lançará um feitiço/ Muitas bolsas, chapéus e luvas/ E todos os acessórios enfeitam a boneca/ Algum dia eu serei exatamente como você/ Até lá, eu sei bem o que farei/ Barbie, linda Barbie, eu vou acreditar que sou você⁴. (ROVERI, 2008, p.3)

Inicialmente modelada com o perfil e estilo de pessoas e celebridades reais como Madonna, Whitney Houston e Jacqueline Kennedy, só para citar alguns exemplos, a partir de 1980 aconteceu o contrário: as mulheres passaram a se modelar baseadas na Barbie. O ideal feminino de beleza se materializou em boneca. A última frase do comercial “Barbie, linda Barbie, eu vou acreditar que sou você” revela uma nova especificidade que tem surgido nos

4 Tradução livre feita por Roveri a partir do comercial visualizado em <http://www.youtube.com/watch?v=h8-avPUxyno>.

últimos anos em várias partes do mundo: as mulheres querem se tornar bonecas. A crença em ser tão linda quanto a Barbie extrapolou o imaginário infantil e está tomando forma nos corpos de inúmeras mulheres, tornando-se um fenômeno na internet.

Com a facilidade de acesso à rede, cada vez mais mulheres buscam dicas de como melhorar a aparência por meio da internet, que se torna cada vez mais colaborativa⁵ com a descentralização e compartilhamento da informação e do conhecimento, gerando novas configurações culturais de representatividade crescente nos fluxos informacionais. Para ter uma ideia do alcance desse meio de comunicação, um levantamento divulgado pela União Internacional de Telecomunicações (UIT)⁶ apontou que até o final de 2014 haverá quase 3 bilhões de usuários de Internet fixa e móvel, sendo dois terços deles oriundos de países em desenvolvimento. Além disso, a grande maioria das conexões é facilitada pela rede móvel, que responderá a, pelo menos, por 2,3 bilhões de usuários ao final do ano. Somente no Brasil, em 2013, éramos 105 milhões de internautas de acordo com o Ibope Media, sendo o 5º país mais conectado. Cerca de 57,2 milhões de usuários acessando a internet regularmente, 38% das pessoas acessam à web diariamente; 10% de quatro a seis vezes por semana; 21% de duas a três vezes por semana; 18% uma vez por semana. Assim, 87% dos internautas brasileiros entram na internet pelo menos uma vez por semana (2014)⁷.

Diante do intenso uso da internet, a moda em converter-se em uma boneca viva cresce a cada dia entre jovens e adultos de várias partes do mundo devido, entre outros fatores, à facilidade de conexão e troca de informações e várias partes do globo: desde a mais famosa representante do “movimento”, a ucraniana Valeria Lukyanova, passando pela inglesa Venus Palermo e chegando na precursora norte-americana Dakota Rose, que deu início ao modismo quando tinha 14 anos.

Em seus estudos, Marcel Mauss (1974) sedimenta a ideia de que tudo do qual estamos contextualizados nos remete ao que é proporcionado pela cultura. Para ele o uso do corpo parte como uma educação de técnicas, que são construídas como resultado das relações entre homem e a sociedade, onde uma cultura pode dar o direcionamento do uso técnico do corpo. Por meio da “imitação prestigiosa”, os indivíduos de cada cultura constroem seus

5 Web colaborativa. Mais informações em: http://www.dgz.org.br/ago11/Art_02.htm

6 Dados, Estatísticas e Projeções Sobre a Internet no Brasil. <http://tobeguarany.com/internet-no-brasil/>

7 Dados, Estatísticas e Projeções Sobre a Internet no Brasil. <http://tobeguarany.com/internet-no-brasil/>

comportamentos e seus corpos através de um conjunto de hábitos, crenças, costumes e tradições.

Dessa forma há uma construção cultural que valoriza certos aspectos, atributos e comportamentos em detrimento de outros, criando-se a ideia de que exista um corpo típico para cada sociedade. Os indivíduos passam a imitar os corpos que tiveram êxitos em sua sociedade sendo, para Mauss, um ato, até certo ponto, inconsciente dos membros de cada cultura. Todavia, o que acontece com as barbies humanas é que há uma “imitação prestigiosa” como Mauss teorizou, mas com uma diferenciação: elas têm consciência que estão imitando um “corpo ideal” e não medem esforços para isso. Entretanto, agora, esse corpo modelo de sucesso e prestígio no mundo delas é o de um objeto, uma boneca, o que nos faz pensar: até que ponto a cultura pode influenciar esse modelo superficial de feminilidade? Existem limites para esta busca da perfeição?

Beleza inatingível?

Para as barbies humanas, a busca pela beleza não parece ter limites. Em sua dissertação de mestrado, intitulada “Barbie Tudo o Que Você Quer Ser...ou Considerações Sobre a Educação de Meninas”, Roveri (2008) detalha as “perfeições” das medidas corporais da boneca, um modelo de corpo feminino que se multiplica duas vezes a cada segundo e disponibiliza sua boa forma para 120 milhões de crianças do mundo todo, a cada ano.

Uma cintura com oito centímetros e meio, um quadril com dez centímetros: vestir a menor numeração de roupas e deixar a barriga definida à mostra! Treze centímetros de bumbum, imune a celulite, estria, culote ou gordura, a qualquer marca de degradação física... Pernas longas, depiladas e sem varizes: sete centímetros já contando o salto, pois o pé sempre deve ficar nas pontas. Seios rígidos que medem 12,5 cm e que possuem consistência plástica. Cabelos longos, lisos, loiros “naturais”, desde a raiz! Olhos azuis, face sem rugas, maquiagem definitiva. Juntando-se todos esses atributos e dispondo-os num frasco branco de 29 cm, tem-se a medida exata para uma intocável silhueta cheia de curvas [...] (ROVERI, 2008, p.1).

É claro que nenhuma mulher poderia chegar às reais medidas da boneca, mas o que essa nova moda narcisística busca é um tipo de relação proporcional ao que seria a da boneca se ela se tornasse humana. No entanto, uma matéria publicada na Revista do Escritor sobre esse novo ideal de beleza feminina revela que, segundo cientistas, uma relação autêntica com as medidas da boneca Barbie seriam anatomicamente impossível. A menina com as proporções da Barbie

teria que andar de quatro e não teria forças para levantar objetos. Suas medidas seriam de 1,75m de altura, pesando 49 quilos.

A cabeça dela seria de 5 cm a mais do que a cabeça da mulher média, uma cintura 45 centímetros que não deixou espaço suficiente para o fígado e intestinos. [...] Seu pescoço longo e fino dobraria sob o peso na cabeça, e ela teria que rastejar de quatro por causa do pé e tornozelo que não poderiam apoiar o corpo. (REVISTA DO ESCRITOR, 2014)

Entretanto, o resultado dessa constatação científica não parece surtir efeito nas bonecas humanas. No Brasil, por exemplo, a boneca humana Narumi Kataiama foi eleita vice-campeã no Concurso Barbie Humana Brasileira, promovido pelo site Esquisitices, filiado do portal R7 da Rede Record⁸. Natural de Curitiba, Paraná, ela impressiona com suas medidas corporais, medindo 1,53m e pesando somente 33 quilos. A cintura, apontada como ‘a menor no mundo das bonecas humanas⁹’ seria de 48 cm com corset. Sua meta é chegar aos 45 cm.

Apontada como modelo de perfeição em sua página na rede social do Facebook, Narumi ressalta que embora passe horas se maquiando diariamente para ficar parecida com a boneca e use redutores de cintura, ela foge à regra das barbies humanas no quesito dieta. “É a minha genética, eu nasci magrinha, minha vida toda fui pequenininha. Eu já fui a diversos médicos, fiz uns exames muito loucos e nunca saiu nada”, defende-se a jovem em um vídeo no Youtube¹⁰. Mas ela não abre mão de afinar cada vez mais sua silhueta.

Assim como o corpo de Narumi, a sociedade não apenas disciplina corpos individuais, ela também produz corpos coletivos. Em sua página no Facebook¹¹, seus seguidores, na maioria mulheres, já ultrapassam os 38 mil. Como abordou Foucault, apoiadas numa tecnologia disciplinar que se formou ao longo dos séculos XVII e XVIII, as sociedades modernas desenvolveram uma maquinaria política de produção de corpos e subjetividades – individuais e coletivos e, entre as barbies humanas, facilitadas pelo uso da internet. Entre os comentários de dicas de maquiagem e estética, inúmeras meninas elogiam a forma física da curitibana e pedem dicas de como conseguir ter o corpo tão magro quanto de Narumi.

Outro exemplo que se espelha na boneca Barbie a ucraniana é Valeria Lukyanova. Com menos de 30 anos, ela já passou por incontáveis intervenções cirúrgicas para ficar parecida

8 O site da Rede Record está disponível em rederecord.r7.com/

9 Informação disponível em <http://bit.ly/VdZqQU>

10 Disponível em <http://bit.ly/1zaFZaz>

11 Página do Facebook de Narumi disponível em: www.facebook.com/nanakataiama

com sua musa inspiradora, incluindo alterações no rosto, próteses de silicone, mudanças bruscas na alimentação, uma rotina de malhação bastante pesada e até retirada de costelas. Além disso, ela afirma que se tornou adepta do respiratorianismo, uma espécie de culto que afirma que comida, e até mesmo água, não são necessários à sobrevivência humana, sendo possível viver somente de prana (a força vital do hinduísmo). E suas declarações polêmicas não ficam por aqui. Depois de ter se encontrado com o chamado Ken da vida real, o norte-americano Justin Jedlica, que já passou por cerca de 90 cirurgias plásticas e gastou mais de R\$ 350 mil reais para ficar definitivamente parecido com o namorado da Barbie, Valéria gravou um vídeo pedindo desculpas por não ser fluente em inglês e afirmou que, no mundo extraterrestre a qual pertence, as pessoas são totalmente assexuadas (SILVEIRA, 2013).

Além de dizer que não pertence a este mundo, a ucraniana é contra a maternidade e a mistura de raças porque podem causar prejuízos à forma física e a degeneração¹². Seus pensamentos, considerados preconceituosos e extremistas são, em parte, ideais propagados pela própria publicidade da boneca:

Depois de a Mattel ter vestido Barbie e Ken para o casamento, os consumidores esperavam que Barbie tivesse um bebê. Mas para Ruth uma gravidez jamais poderia estragar a “boa forma física” da boneca e muito menos tirar sua auto-suficiência e liberdade. (ROVERI, 2008, p.58)

Outra ucraniana cuja fisionomia se assemelha à famosa boneca da Mattel é Olga Oleynik, que usa o nome artístico de Dominica. Assim como sua amiga Lukyanova, ela também acredita ser oriunda de outro mundo, localizado na constelação de Pleiades e que, inclusive, são almas gêmeas: “Eu e a Valeria viemos da constelação de Pleiades. Lá, este nosso aspeto é normal” (SILVEIRA, 2013).

Deste modo, o fator tempo é quantificado para se tornar tão bela quanto a boneca o mais rápido possível, fazendo com que o corpo das mulheres que se sujeitam a se tornarem barbies humanas sejam adequados e harmonizados dentro do movimento da sociedade. A punição terá agora a função de corrigir os indivíduos para estabelecer relações de poder, como forma de controle para atender aos interesses desse novo modismo que, para continuar existindo, precisa de corpos úteis, produtivos, que precisam ser disciplinados (FOUCAULT, 2005).

12 Informações disponíveis em: <http://bit.ly/1vzsaz>

Além das ucranianas, há outros corpos modulados, fetichizados, vigiados e punidos em outras partes do mundo. A versão on-line do jornal argentino Clarín reuniu alguns exemplos de mulheres que não medem esforços para adequarem suas medidas e se tornarem barbies humanas. Uma delas é a inglesa Sarah Burge, que aos 54 anos é considerada a avó das bonecas humanas. De acordo com a imprensa internacional, ela já se submeteu a mais de 100 cirurgias plásticas, pelas quais já pagou cerca de R\$ 1 milhão.

No Reino Unido, outro exemplar de boneca humana é a manicure inglesa Lhouraii Li¹³, de 23 anos, que chega a gastar 4 horas de suas manhãs para se maquiar. Após aplicar cílios postiços, lentes de contato especiais e diversos cosméticos para fazer com que os olhos pareçam gigantes, a jovem ainda tira algum tempo para se vestir num estilo, segundo ela, inspirado na boneca Barbie e na moda japonesa.

Nascida na Rússia, a modelo russa Angelika Kenova também ficou famosa, graças às redes sociais, por sua semelhança e esforço em parecer uma Barbie. Dona de um corpo esbelto e longos cabelos loiros, ela afirma ser a verdadeira barbie humana por nunca ter passado por intervenções cirúrgicas, chegando a pedir a seus fãs que “recusassem imitações de bonecas falsas”. Nesse intuito de procurar a diferenciação e a individualização é preciso considerar, segundo Foucault (2005), as relações do sujeito com o próprio corpo, ao nível da estética do corpo e da própria existência, que são de ordem ética, devendo-se lembrar, também, que a ética moderna, além de racionalista e utilitarista, é profundamente individualista, e que no final do século XX este individualismo se exacerba num narcisismo sem precedentes, principalmente no mundo ocidental.

Assim como explicou Mauss e Foucault, cada época e cultura tem suas próprias concepções e padrões estéticos que mudam ao longo do tempo. Um exemplo disso é o século passado em que a magreza extrema era explorada nas passarelas de moda de todo o mundo. Embora o modismo também tenha chegado ao Brasil, na primeira década do século XXI outro padrão corporal começou a ser notado, o das mulheres-frutas¹⁴, dançarinas de funk com corpos mais

13 Mais informações sobre Lhouraii Li no site <http://glo.bo/1r0S6H2>

14 Mulher-fruta é a designação dada a um fenômeno do funk carioca surgido na primeira década do século XXI, quando uma série de dançarinas começou a ganhar destaque no cenário do funk brasileiro. O sucesso logo se espalhou para outras mídias, sendo citadas desde a página da Academia Brasileira de Letras, músicas, participações no Carnaval no Rio de Janeiro até a chamada mídia erótica, com inúmeras capas de revistas publicadas num curto período. Tal sucesso remete à referida "paixão nacional", o bumbum, que desde as duas polegadas a mais que tiraram o título de Miss Universo 1954 de Martha Rocha aos 119 cm da

vantajados que faziam sucesso exatamente por sua forma física. Esse e outros exemplos são refletidos na procura por academias de ginástica nas sociedades urbanas contemporâneas, aliada com cuidados dietéticos, hábitos sistemáticos de saúde e restrições corporais diversas, bem como a um exercício físico mecânico, disciplinado. Todas essas práticas beiram certo “culto ao físico”, característico da “cultura de si mesmo” nestas sociedades, voltada para uma modelização plástica do corpo atendendo a um modelo mecânico-fisiológico-disciplinar que é centrado na repetição exaustiva do movimento até conseguir atingir sua meta, como a norte-americana Blondie Bennett.

Com 38 anos, ela vem dedicando sua vida para se transformar em uma versão humana da boneca Barbie. Após gastar mais de R\$ 60 mil em cirurgias plásticas e mudar seu nome para “Blondie”, a modelo decidiu realizar sessões semanais de hipnose para se tornar a legítima “loira burra”. Ela contou ao site Barcroft Media que já fez 20 sessões e começou a se sentir um pouco atrapalhada e confusa. Há cerca de dois anos, Blondie trocou legalmente seu nome e passou por um procedimento estético para aumentar os seios, fez preenchimento nos lábios e bronzeamento artificial. Segundo a modelo, a obsessão pela boneca começou quando ela era ainda pequena e brincava com a Barbie. “As pessoas achavam que seria apenas uma fase, mas eu dizia a mim mesma que quando saísse de casa eu iria me tornar a Barbie em pessoa”, completou. “Eu quero que as pessoas me vejam como uma boneca sexual de plástico e ser burra é uma grande parte disso” (BHAZ, 2014), finalizou a Blondie, que hoje vive do dinheiro arrecado com fãs em troca de fotos sensuais.

Venus Palermo, conhecida como Venus Angelic pelos internautas, é uma menina de Londres que tem 17 anos e não só se veste com um “look artificial” como ensina outras meninas a reproduzi-lo. Em seu canal do YouTube ela posta tutoriais explicando como faz para seus olhos parecerem grandes, como deixa sua pele lisa e brilhante e como faz suas maquiagens. Seus vídeos já foram assistidos mais de 81,2 milhões de vezes (IGLESIAS, 2014).

Já Dakota Rose é uma norte-americana conhecida por muitos como a “Barbie real” devido ao seu estilo meigo e delicado combinado com seus grandes olhos azuis, sua pele branca, cabelo loiro, lábios finos e volumosos e um corpo super magro, características desejadas por milhares de meninas que a segue nas redes sociais. Por sua grande semelhança natural com a boneca e

usando o nome artístico de Kotakoti ou Dakotakoti, a jovem de 18 anos de idade se converteu em um fenômeno da web, principalmente entre os amantes da moda e estética. Dakota tem um blog, um canal próprio no site de vídeos Youtube e contas nas redes sociais do Facebook e Twitter, onde mantém contato direto com seus seguidores, ensinando-lhes dicas de penteados e maquiagens para se tornar uma boneca. Além disso, existem vários sites feitos por fãs para homenagear a jovem. Mas diferentemente das outras bonecas-humanas, Kotakoti afirma nunca ter feito nenhuma intervenção cirúrgica ou uso de programas de edição de imagens sendo frequentemente criticada na internet porque muitos alegam que é impossível uma garota ter uma beleza tão perfeita. Atualmente ela trabalha como modelo no mercado japonês (IGLESIAS, 2014).

Poderíamos citar outros inúmeros exemplos de mulheres que são adeptas à moda de transformar-se em boneca humana. Para Roveri (2008), esse ideal de beleza com a personificação da boneca Barbie e sua transformação em um ícone de mulher perfeita sugere que as pessoas reais são feitas de uma forma incompleta, carentes de melhorias e precisam que seus contornos se convertam em beleza plástica. Enquanto as mulheres pagam e arriscam suas vidas para se tornarem bonecas, Barbie esforça-se para ser viva, “humanamente possível”, uma modelo insólita de mulher. Para o autor O’Sickey (2002), essa transformação do produto em mulher e da mulher em produto é resultado de uma autoalienação gerada pela cultura mercantilista e pelo capitalismo consumista, marcados por uma ansiedade que faz com que a beleza da mulher não esteja a altura dos padrões femininos atuais, necessitando sempre de uma mudança constante.

A exacerbação do perfeito que encontrou forte propagação nos meios de comunicação, neste caso, a internet, é resultado de uma discursividade, de falas e representações que provocam um desejo de diferenciação. Para a filósofa pós-estruturalista norte-americana Judith Butler (2002), embora essa construção do corpo não seja produto apenas do discurso, ele exerce uma forte influência na formação desses ideais, já que tudo o que se carrega diz alguma coisa sobre o que a pessoa é ou o lugar a que ela pertence na sociedade: “ (...) eu acho que discursos, na verdade, habitam corpos. Eles se acomodam em corpos; os corpos na verdade carregam discursos como parte de seu próprio sangue. E ninguém pode sobreviver sem, de alguma forma, ser carregado pelo discurso.” (BUTLER, 2002)¹⁵

15 Entrevista de Judith Butler para a matéria “Como os corpos se tornam matéria: entrevista com Judith Butler”, para a Revista de Estudos Feministas disponível em: <http://bit.ly/UToYT7>.

Butler não afirma que haja uma construção discursiva de um lado e um corpo vivido de outro. No entanto ela alega a importância de nos preocuparmos com certas formas de descrever o estilo de vida que diz respeito às mulheres, aos seus corpos, à sua auto-representação. Já para Donna Haraway (2009), devido à complexidade da categoria “mulher” que é construída por meio de discursos científicos sexuais, dentre outras práticas sociais, não existe nada no fato de ser mulher que una as mulheres de forma natural. Ou seja, até mesmo a situação “mulher” é produto de um discurso que pode ser modificado a qualquer momento devido às identidades que começaram a ser fraturadas na modernidade. As barbies humanas são produtos dessa modernidade fragmentada, que vive à beira do individualismo e na fronteira do humano e não-humano.

Superando os limites do humano

Mas esse processo de individualização seria resultado somente da cultura ou estaria intrínseco na natureza humana? Onde termina o humano e começa o ser cultural? Apoiando-se nas ideias do francês Bruno Latour (1994), referência no estudo das ciências e das técnicas, o que poderia explicar o surgimento das meninas-bonecas seriam os valores criados pela própria modernidade, que de tanto tentar separar natureza de cultura, formou seres híbridos, que nada mais são do que uma mistura desses dois fatores. São aquilo que o autor denomina de “redes”, conectando, por exemplo, técnica e estratégia científica e industrial e suscitando preocupações interdisciplinares, que fogem da regra das grandes divisões de grupos, e que devem permanecer distintas, com as suas peculiaridades.

O filósofo critica os estudos desenvolvidos sobre a ciência na medida em que mantém intacta a separação entre o conteúdo científico e o contexto social. Para ele, não há de antemão o mundo das coisas de um lado e o mundo dos homens de outro, pois natureza e sociedade são ambas efeitos de redes heterogêneas. As interações com outras pessoas são mediadas através de objetos, como telefone, internet, ou mesmo uma própria boneca, sendo necessário considerar humanos e não-humanos como agentes simétricos, de forma que ambos devem ser igualmente considerados.

Como é possível que alguém não veja uma diferença radical entre a natureza

universal e a cultura relativa? Mas a própria noção de cultura é um artefato criado por nosso afastamento da natureza. Ora, não existem nem culturas nem uma natureza universal. Existem apenas natureza-culturas, as quais constituem a única base possível para comparações. (LATOURE, 1994, p.102)

Utilizando-se dos conceitos de Latour (2012), as barbies humanas estão conquistando um papel de ator, assim explicada na Teoria Ator-Rede (TAR) proposta por ele. Por influenciar diversas meninas a se tornarem bonecas humanas e a fazerem uma mudança radical em seus corpos, elas se tornam atuantes em seu meio social, produzindo efeitos na rede (conexões), que as modificam e é modificada por elas.

Assim como Latour, a partir dos anos de 1970, Donna Haraway passou a questionar vários paradigmas modernos. Em seu “Manifesto Ciborgue”, a autora traz para o papel seus pensamentos sobre a relação de amor e ódio das pessoas com as máquinas, não sendo possível, na realidade contemporânea, construir uma fronteira para saber onde termina o natural e começa o artificial. Nessa publicação, a autora concentra-se nas redes biológicas e faz uma análise crítica na forma pela qual a biotecnologia está construindo os corpos humanos. Vendo a si própria como testemunha ética trazida pelos avanços biotecnológicos, Haraway se tornou um exemplo de inspiração para uma geração de mulheres que começam a chamar a si próprias de “ciberfeministas”, uma “aliança entre as mulheres, a maquinaria e as novas tecnologias” (HARAWAY, 2009, p. 22).

Com a frase “prefiro ser uma ciborgue a ser uma deusa”, desafiando a tradicional concepção feminista de que a ciência e a tecnologia são pragas patriarcais a assolar a superfície da natureza, Haraway expõe sua ideologia em se tornar um produto da ciência e da tecnologia. Da mesma forma, as barbies humanas demonstram não ter interesse em ser uma “mãe-natureza” ou mesmo retornar num passado pré-tecnológico. Por estarem em um constante processo de superação e individualização, as bonecas humanas não formam um grupo em si, mas criam formas de vida semelhantes para fugirem do aspecto humano, contando com o auxílio das intervenções tecnológicas. Mesmo não levantando a bandeira da diferenciação ao afirmar ser uma ciborgue, para Haraway as realidades da vida moderna implicam uma relação tão íntima entre as pessoas e a tecnologia que não é mais possível dizer onde nós acabamos e onde as máquinas começam.

As máquinas do final do século XX tornaram completamente ambígua a diferença entre o natural e o artificial, entre a mente e o corpo, entre aquilo que se autocria e aquilo que é extremamente criado, podendo-se dizer o

mesmo de muitas outras distinções que se costumava aplicar aos organismos e às máquinas. Nossas máquinas são perturbadoramente vivas e nós mesmos assustadoramente inertes. (HARAWAY, 2009, p.42)

Em favor desse prazer da confusão de fronteiras, Haraway argumenta que, no final do século XX, já poderia considerar todos como “quimeras, híbridos – teóricos e fabricados – de máquina e organismo”, ou seja, ciborgues (HARAWAY, 2009, p.37). Jogando fora as grandes oposições que atravessam o pensamento ocidental, ela desmonta essa ilusão moderna que é possível separar o domínio do natural da ação cultural humana. Inspirada na ficção científica, Donna Haraway pensou numa teoria que desse conta das estranhas misturas de corpos e coisas, cada vez mais presentes em nossa realidade.

Ser um ciborgue não tem a ver com quantos bits de silício temos sob nossa pele ou com quantas próteses nosso corpo contém. Tem a ver com o fato de Donna Haraway ir à academia de ginástica, observar uma prateleira de alimentos energéticos para *bodybuilding*, olhar as máquinas para malhação e dar-se conta de que ela está em um lugar que não existiria sem a ideia do corpo como uma máquina de alta performance (HARAWAY, KUNZRU e SILVA 2009, p.29).

Essa “estranha mistura de coisas” defendida pela filósofa e a criação de seres híbridos abordada por Latour podem ajudar a compreender o nascimento dessa geração de bonecas humanas. Na fronteira do humano com o não-humano, elas querem alcançar novos patamares de beleza que se distanciam do padrão humano. Mesmo se aliando à ditadura da estética e, conseqüentemente, da magreza, elas não buscam somente um corpo magro que se aproxime ao manequim 36, das modelos internacionais, as barbies humanas querem superar as medidas humanas para serem reconhecidas como novos seres que se aproximam cada vez mais dos objetos.

Considerações Finais

Analisar as trajetórias das barbies humanas é atentar-se às transformações que ocorrem nas sociedades contemporâneas. Esse fenômeno que surgiu na internet e está tomando consideráveis proporções no imaginário feminino de um ideal universal de beleza colabora na constatação de que estamos construindo a nós próprios, exatamente como construímos circuitos integrados. Baseando se no conceito de biopoder de Michel Foucault, o corpo das barbies humanas que pode ser modificado, vigiado, e punido com dietas e mecanismos disciplinares e reguladores é compreendido dentro dos discursos e práticas hegemônicas de

nossa sociedade.

Assim como explicou Latour e Haraway, para sobrevivermos nessa nova realidade de transgressão de fronteiras nos limites do humano e não-humano é necessário que acordemos para a velocidade das complexas realidades da tecnocultura, afastando de vez as grandes oposições que existem entre natureza e cultura, pois o “natural” é algo que não pode ser mudado, algo muito distante da realidade das meninas barbies que é toda baseada na mudança. Em busca de construir uma identidade única, elas se apoiam num patamar de beleza exposta num objeto que até então servia como entretenimento infantil e mostram que, com a ajuda da ciência e da tecnologia é possível construir o corpo ideal.

Na teoria defendida por Haraway, ser uma ciborgue está muito além da liberdade de se auto-construir. Tem a ver com a necessidade dos cidadãos modernos de pensarem como seres que existem no interior de suas mentes, que apenas entram de forma secundária com o resto do mundo, cuja imaginação pode tomar forma com a ajuda da tecnologia. Da mesma forma que Latour, essa dicotomia de humano e não-humano abre um campo de possibilidade de pensamentos a respeito das fronteiras do “território de produção, reprodução e da imaginação”. (HARAWAY, 2009, p. 37). A busca incansável pela beleza não permite mais uma unidade essencial graças a essa visão *high-tech* do corpo. As fronteiras de seus corpos se tornam permeáveis, de uma nova forma, à “visualização” e à “intervenção” das novas tecnologias fazendo surgir novas realidades. A sociedade de consumo aliada ao poder de compra permitem-nos adquirir o corpo que queremos, produzindo os discursos que estão no mais íntimo de nosso imaginário, seja voltado mais para o formato humano, para o não-humano ou para vivermos como seres híbridos.

Referências Bibliográficas

BAËTA, Moreno. **Como os corpos se tornam matéria: entrevista com Judith Butler**. Territórios de Filosofia, 2014. Disponível em: <http://bit.ly/1kjgalc>. Acesso em: 23 de julho de 2014.

Barbie humana diz que mistura de raças torna pessoas feias. Beleza Terra, 2014. Disponível em: <http://bit.ly/1vzsaz>. Acesso em 26 de junho de 2014.

FOUCAULT, Michel. **Em defesa da sociedade: Curso no College de France (1975-1976)**.

Tradução Man Paulo: Martins Fontes, 1999. (Coleção Tópicos). Aula de 17 de março de 1976, p. 285-316.

_____ **Vigiar e punir: nascimento da prisão.** Petrópolis: Vozes, 2005.

FREUD, Sigmund. **Sobre a Introdução do Conceito de Narcisismo.** In Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996.

Houser Aspecto genético. In: Bergeret, J. ...[et al.]. **Psicopatologia: teoria e clínica.** Porto Alegre: Artmed, 2006.

IGLESIAS, Mariana. **Barbies humanas: la inquietante moda de parecerse a una muñeca.** Clarín, 2014. Disponível em: http://www.clarin.com/sociedad/Barbies-humanas-inquietante-parecerse-muneca_0_1145285519.html. Acesso em 2 de julho de 2014.

Jovem de Odessa surpreendeu ao mundo: a Barbie Humana encontrada é idêntica a Boneca. Revista do Escritor, 2014. Disponível em: <http://bit.ly/1y36bBG>. Acesso em 25 de junho de 2014.

HARAWAY, Donna; KUNZRU, Hari; SILVA, Tomaz Tadeu da. **Antropologia do ciborgue: as vertigens do pós-humano.** 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

LATOUR, Bruno. **Jamais fomos modernos: ensaio de antropologia simétrica.** Rio de Janeiro (RJ): Editora 34, 1994.

_____ **Reagregando o social: uma introdução à Teoria do. Ator-Rede.** Trad. Gilson César Cardoso de Sousa. Salvador/Bauru: Edufba/Edusc, 2012.

MAUSS, Marcel. **As técnicas corporais.** Sociologia e antropologia. São Paulo: EPU/EDUSP, 1974.

MEIJER, Irene Costera; PRINS, Baukje. **Como os corpos se tornam matéria: entrevista com Judith Butler.** Revista de Estudos Feministas vol.10 n°.1 Florianópolis Jan. 2002. Disponível em: <http://bit.ly/UToYT7>. Acesso em: 29 de junho de 2014.

MOURA, Joviane. **O Conceito de Narcisismo Na Construção Teórica da Psicanálise.** Psicologado, 2009. Disponível em: <http://bit.ly/1nJG64T>. Acesso em: 11 de julho de 2014.

Mulher obcecada em se tornar “Barbie humana” faz hipnose para ficar mais burra. BHAZ, 2014. Disponível em: <http://www.bhaz.com.br/mulher-obcecada-em-se-tornar-barbie->

[humana-faz-hipnose-para-ficar-mais-burra/](#). Acesso em: 4 de agosto de 2014.

O'SICKEY, Ingeborg Majer. **A Revista Barbie e a utilização estética do corpo das meninas**. In:

BENSTOCK, S.; FERRIS, S. (orgs.). Por dentro da moda. Rio de Janeiro: Rocco, 2002.

ROVERI, Fernanda Theodoro. **Barbie: tudo o que você quer ser...: ou considerações sobre a educação de meninas**. 2008, 105 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós Graduação em Educação da Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, 2008.

SILVEIRA, Ana Felipe. **Barbies humanas dizem que são extraterrestres**. DN Pessoas, 2013. Disponível em: <http://bit.ly/1mhqoy3>. Acesso em: 24 de maio de 2014.